

Faça uma avaliação do Curso em termos de grade curricular; duração do curso; qualificação do corpo docente; eficiência do Programa em lhe preparar para o ensino da língua alvo; facilidades laboratoriais; adequação do material didático à proposta do curso; sua participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão; estímulo à publicação acadêmico-científica; incentivo à qualificação docente em termos de pós-graduação (*lato sensu ou stricto sensu*); enfim, tudo aquilo que diz respeito aos pontos positivos e negativos de sua formação docente na área de língua inglesa.

A história a seguir diz respeito ao percurso que fiz até me tornar o que sou hoje. Após terminar o Ensino Médio, ainda não havia escolhido um curso de graduação, mas havia na família um daqueles tios que te pressionam até você tomar uma posição. Esse tio sempre foi muito querido pela família, era o “sabe-tudo”, o que melhor articulava as palavras, detinha o poder da eloquência, o professor. Sua paixão pelo ofício era tão marcante que, por onde quer que passasse, demonstrava com maestria sua vocação, sua habilidade com as palavras. Embora tivesse cursado, se especializado, tornado mestre e concluído seus estudos doutorais em Geografia, sempre incentivou aqueles que ainda não tinham certeza sobre a futura profissão a fazerem Letras, curso que, segundo ele, era o mais bonito dentre as licenciaturas. Acho que, na verdade, esse era o seu sonho: fazer graduação em Letras, mas por alguma razão não o fez. Levou vários de seus alunos, amigos e vizinhos a ingressarem no curso de Letras, não foi diferente comigo. Prestei o primeiro vestibular, não mais como treineiro, mas infelizmente não obtive sucesso. No ano seguinte, fui aprovado, mas não sabia ainda o que estava fazendo na Universidade, o porquê de estudar toda a matéria do I semestre, faltava-me a motivação para estar ali. Aos 18 anos, sequer dava atenção aos postulados da Linguística ou ao campo literário. De certo, não contava com a maturidade necessária para encarar disciplinas densas tais como “História Literária”, “Introdução aos Estudos da Linguagem”. O resultado não poderia ser diferente: assinei minha sentença de reprovação nas disciplinas citadas e para completar em “Laboratório de Leitura e Escrita I”. Como costumava dizer a professora de Literatura daquele semestre: “éramos todos apopléticos”. Nunca tinha escutado tal palavra, mas jamais a esqueci. Aos poucos esforcei-me para modificar a cena. Os semestres foram passando e paulatinamente a fama de que era preciso saber Inglês ecoavam corredores dos módulos acadêmicos. Resolvi então me matricular num curso de idiomas já consagrado na cidade em que estudava. A pedagogia “brain-friendly” me permitiu aproveitar melhor as aulas de Língua Inglesa na Universidade. Aos poucos meu nível na língua-alvo foi ganhando novos contornos. Ao final do curso, me submeti a algumas seleções de Cursos de extensão e obtive êxito como Monitor de Língua Inglesa do Curso Livre do Programa de Assistência Estudantil. Fui também convidado a trabalhar na escola de Idiomas em que estudei, e, a partir daquele momento, passei a ter uma segunda formação. Vivi na prática a experiência de ser um professor multimodal. Posteriormente, a disciplina de Linguística Aplicada incentivou-me a elaborar um projeto na área de Língua Inglesa e

submetê-lo ao Programa de Pós-graduação, nível de mestrado. Percebi o quanto cresci em termos de produção acadêmico-científica e o quanto ganhei no que se refere a novos conhecimentos e práticas discursivas. Todavia, com relação à grade curricular e a duração do curso da graduação, acredito que exista um descompasso, em virtude do amplo número de disciplinas distribuídas ao longo dos quatro anos. No tocante à qualificação docente, não tenho queixas a fazer. Durante minha formação, tive excelentes professores, com os quais muito aprendi. O curso de Letras conta também com facilidades laboratoriais bastante satisfatórias. Contudo, a respeito da eficiência do Programa na preparação para o ensino da língua alvo, tenho algumas considerações a fazer. Acredito que muito tempo foi destinado ao ensino de Gramática, sob a premissa de que um professor de Línguas não pode se esquivar das estruturas linguísticas, pois estas constituirão a matéria de seu ensino. Por outro lado, após cursar a disciplina de Linguística Aplicada, percebi que o enfoque excessivo no ensino de Gramática poderia ser convertido em atividades que despertassem em nós criticidade para trabalhar os conteúdos de modo mais significativo com nossos alunos. A impressão que eu tenho é que deveríamos reproduzir o que fomos solicitados na graduação e muitos assim o fizeram. Entretanto, mais importante do que dominar a estrutura é saber como ensiná-la, discutir meios pelos quais tais estruturas possam ser passadas adiante, numa tentativa de descolonizar o saber, debilitando as hierarquias e aprendendo a construir em conjunto, de um modo mais colaborativo e participativo. O mundo opera mudanças em várias esferas o tempo todo, as quais refletem direta ou indiretamente na sala de aula e, na maior parte do tempo, não sabemos lidar diante de determinadas situações, tornamo-nos impotentes face aos problemas. Acredito que esse seja o grande compromisso da formação de professores: pesquisa, transformar o dissenso em objeto de problematização, pensar o cotidiano escolar como corrente, inovação, não como uma rotina ou algo estático.